

Beth: O verbo é ir, porque tudo brilha bonito quando se descobre que o planeta cabe na palma da tua mão; o verbo é ir porque é preciso colorir com a poeira vermelha das estradas o velho sonho de navegar em paz; o verbo é ir, porque nada - nenhum não nenhum senão, nenhuma assombração, nenhum cão nenhum, nenhum porão, nenhuma prisão, nenhuma solidão, nenhuma escuridão- é maior do que a velha força, o velho brilho, o velho incêndio de luz que mantém viva a palavra coragem em cada constelação no céu da boca.

O verbo é ir, porque o medo se desinventa sem dor entre um porto e outro; o verbo é ir porque não valeu não vale nunca valerá a pena abrir mão da alegria em troca dos bolsos cheios no fim de cada mês dividido em horários comerciais; o verbo é ir porque certo é recolher estilhaços de sonho pela estrada; o verbo é ir, porque é preciso desvendar os muros, porque é preciso desinventar a dor, porque é preciso enxergar o lado oculto da lua basta não deixar nunca o velho pássaro da alegria, o velho pássaro da luz, o velho pássaro da força preso em quatro paredes.

Assim : luz altura , claridade. De novo: Luz, altura, claridade. Outra vez, luz altura, claridade.

Para aprender a voar ao redor de cada miragem que o teu olho inventar é que foi feita a tua força e tua mão.

O verbo é ir, porque é impossível a alegria no tédio. O verbo é ir, porque valeu, vale, valerá sempre a pena inventar uma República que, por não ter fronteira, começará sempre e terminará sempre onde o corpo esteja: Qualquer planeta, qualquer oceano, qualquer Saturno, qualquer Cazaquistão (quem saberia como é que escreve direito), qualquer Brasil, qualquer constelação. Não importa em que espaço sideral, a força que é tua vai ser sempre tua, porque não há, não houve, não haveria nunca como não.

Então, o verbo é ir, porque a luz, a altura e a claridade ficam sempre adiante.

É preciso desvendar a trilha, enxergar o rastro, perseguir a faísca. O resto é rendição, noite, escuridão. Não tenha medo; não tenha nunca medo de você, não.

O verbo é ir, porque tudo, tudo, tudo que é grande e forte assim feito o sol, assim feito as constelações, assim feito todas as cachoeiras de todos os rios de todos os planetas, assim feito a velocidade da luz, tudo tudo tudo que é grande e forte é nômade.

Tudo que é grande e forte é nômade. Tudo que é grande e forte é nômade porque não cabe num lugar somente.

É preciso emigrar diariamente e não importa a distância. Não é uma questão de geografia. É uma questão de alegria.

De uma rua a outra, de uma miragem a outra, de uma sessão de cinema a outra, de um país a outro, de um sonho a outro, de um dia a outro, de um minuto a outro, é preciso emigrar. Daquele jeito assim: para aprender a voar é que foi feita a tua força , é que foi feita a tua mão.

Então o verbo é ir. E tudo ok, tudo assim de madrugada agora em todas as ruas cinzentas de Paris, de Hanói, Campina Grande, Amsterdam, Porto Seguro, na Cordilheira dos andes, no Cazaquistão, ou San Francisco e Santa Maria da Boa Vista.

O mar é longe, o tempo é azul, o sono é bom, eu continuo um medíocre escritor de cartas como essa que você pediu, não sei dizer nada certo e se por acaso meu trem se perder da rota a caminho de San Francisco, você me manda um cartão com o rosto da lua, que o rosto da Lua me lembra luz, altura, claridade.

Um beijo.